



Slow Food®



DEIXEMOS DE CARCOMER O CLIMA

Apelo aos representantes dos países e das instituições internacionais reunidos em Paris

Ocorrerá em Paris, de 30 de novembro a 11 de dezembro de 2015, a 21ª Conferência das Partes (COP 21) da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas (UNFCCC). O objetivo da conferência é chegar a **um acordo sobre o clima**, pela primeira vez em mais de 20 anos de mediações das Nações Unidas, que, **além de vinculante e universal**, seja aceito por todos os países.

Ao ensejo da Conferência, que situa o clima no centro do debate político mundial, a atenção concentrou-se nos segmentos de energias, indústria pesada e transportes, **deixando porém à margem do debate a relação entre alimentos e clima**.

A produção de alimentos, contudo, que representa quer uma das causas quer uma das vítimas das mudanças climáticas, pode vir a constituir uma solução.

Segundo o Quinto Relatório IPCC, **a temperatura média do planeta aumentou de 0,85°C nos últimos cem anos**. Esta última década foi a mais quente desde 1850 e as previsões não são muito animadoras. Segundo os modelos de simulação do clima, até o final deste século, se não houver limitações das emissões dos gases de efeito estufa, a temperatura média aumentará de 5°C e ainda que o **incremento chegasse a apenas 2°C, estimam-se gravíssimas consequências tanto ambientais como sociais**. Fenômenos excepcionais, tais como ondas de calor, enchentes, secas e ciclones, tornam-se cada vez mais frequentes e a biodiversidade está alcançando níveis de deterioração nunca antes registrados. Segundo a FAO, nos últimos 70 anos, perdemos três quartos da agrobiodiversidade que os agricultores haviam selecionado ao longo de 10.000 anos. Além disso, o aquecimento e a acidificação dos oceanos comprometem a capacidade dos mesmos de estabilizarem o clima.

As consequências das mudanças climáticas são ambientais, mas também sociais, sendo as populações mais pobres as vítimas principais. Todos os dias, milhões de pessoas perdem terra, fontes de água, alimentos e correm o risco de se transformarem em verdadeiros refugiados climáticos. Segundo um relatório do Banco Mundial, as consequências da mudança climática podem levar mais de 100 milhões de pessoas para a pobreza até 2030. E estas pessoas encontram-se nas regiões mais necessitadas do planeta. Trata-se, portanto, também de uma questão de justiça social.

Os seres humanos e suas atividades são comprovadamente a causa principal das alterações climáticas. Dentre tais atividades a cadeia de produção de alimentos desempenha um papel de primária importância.

O modelo agroalimentar industrial, consolidado desde os anos 50, fundamenta-se nas seguintes peculiaridades: **o uso crescente de derivados do petróleo** tais como fertilizantes, pesticidas e combustíveis para as máquinas agrícolas; **a produção de grande escala**, baseada numa gama restrita de espécies, variedades vegetais e de raças animais; **a exploração indiscriminada de recursos naturais** como solos, águas, florestas e oceanos, tidos como matérias-primas que podem ser consumidas.

A produção agrícola fez próprias as características da indústria, e seus **principais objetivos são o aumento das quantidades produzidas, a maximização dos rendimentos e a penetração nos mercados internacionais**.

A defesa do meio ambiente não consta entre as prioridades desse modelo que adotou a filosofia do produtivismo, do crescimento infinito e do liberalismo econômico.

Não obstante esse modelo fundamente-se na ideia de crescimento infinito, os recursos de nosso planeta são finitos.

Estima-se que até 2050 haverá 9 bilhões de bocas para alimentar em nosso planeta e os partidários do modelo agroalimentar industrial afirmam que a segurança alimentar do planeta fundamenta-se na ampliação das terras cultiváveis, no aumento do rendimento por hectare quer através da irrigação, do uso mais intenso de fertilizantes agrícolas, quer do desenvolvimento e da difusão de híbridos vegetais selecionados e de raças animais comerciais ou ainda de organismos transgênicos e através da concentração da produção (ou seja, empresas agropecuárias cada vez maiores).

O impacto desse sistema sobre o meio ambiente, a sociedade e a saúde humana, mostra-se cada vez mais devastador. As conseqüências são comensuráveis quer pela poluição atmosférica e dos lençóis freáticos, como pela degradação do solo, acidificação dos oceanos, redução dos recursos energéticos, perda de diversidade seja ela biológica ou cultural, e ainda pela deterioração dos ecossistemas.

Considerando a totalidade da cadeia produtiva, e nela incluindo o cultivo de vegetais para rações e o consumo final, a FAO estima que a produção pecuária industrial (ligada a consumos cada vez mais elevados de carne) seja responsável por 14% das emissões de gases de efeito estufa. A aquicultura, por sua parte, além de poluir as águas, consome quantidades impressionantes de farinhas de peixe e em muitas regiões do mundo, é responsável pela destruição de grandes áreas de manguezais.

A imposição do modelo agroindustrial faz com que as comunidades locais se tornem cada vez mais vulneráveis comprometendo conseqüentemente as agriculturas de pequena escala e familiar que ainda hoje produzem 70% dos alimentos consumidos em nosso Planeta.

O impacto ambiental desse modelo produtivo abarca também as fases de transporte, transformação e distribuição de alimentos.

O transporte de alimentos por grandes distâncias é responsável pelas elevadas emissões de gases de efeito estufa, devido ao uso maciço de combustíveis fósseis. As fases de acondicionamento, embalagem e distribuição requerem enormes quantidades de energia. Os consumidores acostumaram-se a contar sempre com os mesmos produtos, que muitas vezes chegam de países distantes, qualquer que seja a temporada. Os alimentos transformados e embalados, presentes nos supermercados, obtêm-se com processos industriais muito caros sob o ponto de vista energético. Além de exigirem um grande uso de conservantes e aditivos, os produtos são embalados com materiais pouco sustentáveis quer sob o aspecto da produção quer sob o da eliminação de resíduos. É a saúde a sair prejudicada: a saúde dos indivíduos e a do meio ambiente.

Esse sistema hiperprodutivista tem como conseqüência **o desperdício de alimentos em todas as etapas da cadeia produtiva.** Desperdiçam-se anualmente no mundo cerca de 1,3 bilhões de toneladas de alimentos (correspondentes a um terço de todos os alimentos produzidos): uma cadeia que começa nos campos e nos pastos, que prossegue ao longo das fases de transformação e de comércio e que termina em nossas cozinhas. O desperdício alimentar tem um custo elevado em termos ecológicos, econômicos, éticos e culturais.

O paradoxo mais gritante desse sistema é que, por um lado, as quantidades de alimentos produzidas no mundo excedem a demanda (produz-se o suficiente para alimentar 12,5 bilhões de pessoas) enquanto por outro lado, 800 milhões de pessoas continuam sofrendo a fome.

A solução, portanto, não está no aumento da produção e sim num sistema totalmente diferente de: produção, distribuição e acesso aos alimentos.

Para enfrentar o problema do aquecimento global não será suficiente fortalecer e renovar o comprometimento dos governos em limitar as emissões pois mesmo que tal seja imprescindível ocorrerá também: modificar radicalmente paradigma quer econômico, social, quer cultural, promovendo **uma nova agricultura**, que seja sustentável e que respeite o meio ambiente. Contudo, modificar um ou mais processos de produção não basta. **É preciso considerar o sistema agroalimentar em sua totalidade e adotar práticas agroecológicas** que ao mesmo tempo permitam: **remediar**, melhor dizendo, enfrentar

as causas das mudanças climáticas, reduzindo o impacto da agricultura sobre o clima e reduzindo as emissões de dióxido de carbono e de óxidos de nitrogênio; **mitigar**, ou melhor, reduzir o impacto das mudanças climáticas sobre a agricultura, tornando os agricultores menos vulneráveis em termos sociais, econômicos e ambientais; **adaptar**, ou seja, melhorar a capacidade dos agricultores de reagirem às mudanças climáticas, privilegiando práticas locais de manejo em prol da biodiversidade e de proteção dos ecossistemas. A agroecologia integra as dimensões ambiental, social, econômica e política segundo uma abordagem global. Analisa os ecossistemas como conjuntos dinâmicos de organismos vivos (plantas, animais, microrganismos) que interagem com o meio ambiente (solo, água, clima, luz). Avalia a própria sustentabilidade não apenas em função de fatores ecológicos, mas também baseando-se no bem-estar das populações. Preserva os equilíbrios naturais baseando-se na integração entre conhecimentos tradicionais e inovação. Condena as monoculturas, promove a diversificação, valoriza variedades locais de vegetais e animais. Reduz a dependência dos combustíveis fósseis, de defensivos e fertilizantes químicos. Baseia-se em técnicas que preservam a umidade e a fertilidade dos solos melhorando a capacidade de armazenamento de carbono. Protege os solos da erosão e reduz o processo de desertificação. Promove formas sustentáveis de pecuária, privilegiando: a adoção de raças autóctones por serem mais resistentes ao clima e à geografia local; técnicas que respeitam o bem-estar animal; bom manejo dos pastos.

É necessária uma inversão de tendência radical que abarque os métodos de distribuição e de consumo.

É preciso também estimular a cadeia produtiva curta, reduzindo os intermediários no segmento da distribuição, desenvolvendo formas de venda direta no campo, favorecendo o acesso a produtos locais e sustentáveis, apoiando soluções capazes de promover uma relação direta entre o produtor e o consumidor, tal como os GCRs (Grupos de Consumo Responsável), as CSAs (Comunidades Suportadas pela Agricultura), e as AMAPs (Associações para a Manutenção da Agricultura Camponesa).

O poder aquisitivo do consumidor pode influenciar a produção e a distribuição ao estimular a difusão de métodos ecocompatíveis. É preciso estimular os cidadãos a fim de que façam escolhas responsáveis e adotem estilos de alimentação sustentáveis, que privilegiem alimentos locais, frescos, sazonais; limitem as quantidades de produtos cárneos e lácteos; consumam cereais, verduras e legumes; leiam atentamente os rótulos; evitem alimentos com muitos ingredientes, e enfim que escolham produtos com embalagens reduzidas ou ecocompatíveis.

É fundamental reduzir o desperdício de alimentos em todas as etapas da cadeia produtiva, devolvendo valor ao alimento, que não deve ser tratado como uma mercadoria qualquer nem deve tornar-se um resíduo.

É fundamental oferecer financiamentos e subsídios específicos para os produtores que adotem critérios agroecológicos, favorecendo a implementação de práticas mais sustentáveis.

O Sistema internacional de compensação adotado depois de Kyoto prevê que – dada uma produção máxima de gases de efeito estufa tolerável em âmbito mundial, repartida como direitos de emissão entre os diversos países – os produtores de alguns países possam vender os próprios direitos de emissão àqueles que não conseguirem cumprir os parâmetros estabelecidos. Esse sistema não resolve o problema, ainda que na melhor das hipóteses possa contê-lo, pois desloca as intervenções corretivas situando-as em lugares distantes das fontes poluentes. **O desafio porém é a redução radical das fontes poluentes onde quer que se encontrem**, utilizando energias limpas e obrigando os produtores a arcarem com todos os custos ambientais decorrentes das próprias produções e assim contribuir à formação de preços de mercado mais realistas.

A conferência COP21 deverá representar o ponto de viragem que demonstre o esforço conjunto de 196 países na abordagem do problema global das mudanças climáticas e que tenha como coroamento a assinatura de um acordo partilhado e abrangente.

Com este documento pedimos aos representantes dos países e das instituições internacionais reunidos em Paris que considerem seriamente **o papel decisivo do sistema de alimentos (agricultura, pecuária, pesca, distribuição e consumo), e sua profunda interligação com o clima.**

Lançamos um apelo para que sejam aprovadas políticas internacionais capazes de alterar radicalmente o atual sistema alimentar.